

CRISE DO TEMPO: UM DIÁLOGO ENTRE REINHART KOSELLECK, FRANÇOIS HARTOG, HANNAH ARENDT E FRANZ KAFKA

CRISIS OF TIME: DIALOGUES BETWEEN REINHART KOSELLECK, FRANÇOIS HARTOG, HANNAH ARENDT AND FRANZ KAFKA

Leandro Silva Onofre Júnior¹

Marcos Antonio de Menezes (Orientador)

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas possibilidades para os historiadores que se interessam pelas discussões que envolvem o campo da Teoria da História, mais especificamente os embates sobre as dimensões temporais – passado, presente e futuro – e nossa relação com tempo e a estética. Neste sentido, buscamos demonstrar como as formulações de Reinhart Koselleck foram importantes para a sistematização do conceito de *tempo histórico*, bem como, a aproximação entre suas formulações e as de François Hartog se articulam com a concepção de *brecha* (gap) desenvolvida por Hannah Arendt, possibilitando repensar a obra de Franz Kafka, na expectativa de encontrar possíveis contribuições para as discussões relacionadas às temporalidades e o campo da Teoria da História.

Palavras-chave: Kafka, presentismo, temporalidades, História.

ABSTRACT: This article aims to present some possibilities for historians who are interested in discussions involving the field of History Theory, more specifically the clashes about temporal dimensions - past, present and future - and our relationship with time and aesthetics. We seek to demonstrate how Reinhart Koselleck's formulations were important for the systematization of the concept of historical time, as well as the approximation between his formulations and those of François Hartog articulate with the conception of gap developed by Hannah Arendt, allowing us to rethink Franz Kafka's work, hoping to find possible contributions to the discussions related to temporalities and the field of History Theory.

Keywords: Kafka, presentism, temporalities, History.

¹ Mestrando Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG), sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio de Menezes; bolsista do programa de Demanda Social (DS) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). leandrojrrv@gmail.com.

Os historiadores – a partir do surgimento do coletivo singular *Geschichte*² consolidado na segunda metade do século XVIII – passaram a refletir profundamente sobre as limitações e peculiaridades que cercam seu ofício enquanto historiador. Este movimento introspectivo se aprofundou nas últimas décadas ocasionando, dentre outras coisas, questionamentos relevantes acerca da nossa compreensão do *tempo*.

Sabemos que o *tempo* tem sido objeto de reflexão não só dos historiadores, mas de filósofos, sociólogos, antropólogos, físicos, entre outros. Reinhart Koselleck (1923-2006), em busca de uma sistematização conceitual para o tempo, se preocupou em refletir, principalmente sobre a relação entre as três instâncias da temporalidade – passado, presente e futuro. Koselleck preocupou-se em compreender como o *passado* (experiência) e o *futuro* (expectativa) se relacionam em diferentes momentos. Neste sentido, dedicou a estudar o modo como o conceito moderno de história, a “História” (*Geschichte*), havia se modificado na passagem do século XVIII para o XIX. Para o autor, a História, a partir da terça parte do século XVIII, transformou-se “num conceito regulador para toda a experiência já realizada e a ser realizada” (KOSELLECK, 2018, p. 37), mudando assim a perspectiva temporal pela qual pensávamos a relação entre passado e futuro.

O tempo, aqui, não é tomado como algo natural e evidente, mas como construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas. Por isso mesmo, a história [...] deve ser apreendida em sua própria historicidade, constituindo um objeto da reflexão teórica destinada a conhecer os seus limites e as suas consequências (KOSELLECK, 2006, p. 9).

Koselleck parte de uma questão fundamental: “o que é o tempo histórico” (KOSELLECK, 2006, p. 13). A noção de *tempo histórico* é o elemento fundamental para a compreensão da teoria koselleckiana e sua concepção de modernidade. Segundo o autor, o tempo histórico não é natural ou mensurável, pois há diferentes formas de se relacionar com o tempo em diferentes épocas e sociedades. Para o autor, houve uma mudança fundamental na nossa relação com o tempo entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, e dela nasce o que ele denomina como “tempo histórico”. Em termos gerais, o tempo histórico é resultado da tensão entre expectativas e experiência, que na transição para a modernidade surge um novo conceito de tempo.

o tempo passa a ser não apenas a forma em que todas as histórias se desenrolam; ele próprio adquire uma qualidade histórica. A história, então, passa a realizar-se não apenas no tempo, mas através do tempo. O tempo se dinamiza como uma força da própria história (KOSELLECK, 2006, p. 283).

2 “O termo história ganha, à luz da experiência moderna, um grau de abstração e generalidade tão elevado que passa a ser capaz de se referir a todas as histórias particulares possíveis. [...] Paralelamente, a generalidade do conceito também é reforçada em decorrência de uma outra transformação semântica, através da qual o termo *Geschichte* passa a absorver os significados anteriormente reservados ao termo de origem latina *Historie*, que desde a Idade Média tendia a ser associado primariamente à narrativa de acontecimentos e não aos acontecimentos propriamente ditos. No moderno campo semântico do termo *Geschichte* se encontra, por isso, tanto a noção de história como realidade ou síntese do processo de constituição do mundo humano, quanto a referência à história como forma de conhecimento do passado dos seres humanos, isto é, como historiografia”. KOSELLECK, Reinhart. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

Até a segunda metade do século XVIII o passado, e conseqüentemente a história, era visto como um apanhado de experiências que serviriam como guia para ações futuras. A história, assim, enquanto acúmulo de experiências serviria à sociedade a partir de sua exemplaridade – *historia magistra vitae* –, o que só foi possível a partir de uma estrutura temporal estática, com o passado servindo de guia para o presente e o futuro. Porém, com o advento da modernidade e, conseqüentemente do *tempo histórico*, o futuro torna-se incerto, indeterminado, ou seja, o passado deixa de lançar luz sobre o futuro.

Em suma, com a modernidade, devido principalmente a categorias como *aceleração* e *progresso*, as experiências do passado passavam cada vez menos a orientar o futuro, tornando o futuro cada vez mais imprevisível. Portanto, segundo a tese Koselleckiana, na era moderna “a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente”, o que gera a sensação de um tempo novo (*Neue Zeit*) compreendido enquanto modernidade (*Neuzeit*). A modernidade é, assim, resultado do distanciamento cada vez maior entre passado (campo de experiências) e futuro (horizonte de expectativas), neste sentido, a transição para o período moderno, nada mais é do que um período de crise do tempo, isto de ruptura, na qual um regime de historicidade será substituído por outra forma de se relacionar com o tempo.

Crise do tempo: duas perspectivas de cesura temporal

Reinhart Koselleck e sua sistematização conceitual do tempo é, sem dúvida, uma das grandes contribuições do historiador alemão para o campo da Teoria da História. Entretanto, Koselleck não foi o único pensador a se interessar pelas questões relativas às temporalidades, sua crise e ruptura. Fernand Braudel, Walter Benjamin, Hannah Arendt, François Hartog, entre outros, dispenderam importantes esforços na mesma direção. Porém, trataremos mais especificamente de dois pensadores que, cada um à sua maneira, se preocupou com os processos de rupturas entre passado e futuro e suas conseqüências.

O *tempo histórico*, se seguirmos as formulações de Reinhart Koselleck, é produzido justamente pela tensão criada entre o *Passado* e o *Futuro*. Em termos gerais, ele surge a partir da tensão e distanciamento entre *experiência* e *expectativa*, que, sob o efeito da *aceleração*, não parou de crescer. É essa tensão que o conceito de *regime de historicidade* desenvolvido por François Hartog propõe-se a esclarecer.

Dando continuidade às formulações de Koselleck, o historiador francês François Hartog destaca a importância de o historiador se atentar para os momentos de *crise/ruptura* entre dois regimes históricos, o que ele chama de *crise do tempo*.

Partindo de diversas experiências do tempo, o regime de historicidade se pretendia uma ferramenta heurística, ajudando a melhor apreender, não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas principalmente momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro (HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e*

experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 37).

Seu conceito de *regime de historicidade* se desenvolve a partir das concepções sobre *tempo histórico*, bem como das categorias meta-históricas da *experiência* e da *expectativa*, formuladas por Koselleck. Além disso, tanto Hartog quanto Koselleck, buscaram em seus trabalhos explicar como, a partir do presente, nos relacionamos com as dimensões temporais do passado e do futuro. Neste sentido, o conceito de *regime de historicidade* serviria não só para compreender “como uma sociedade trata seu passado e trata do seu passado”, mas também para designar “a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana” (HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 28).

Hartog argumenta que são as *rupturas*, portanto as *crises do tempo*, que devem ser observadas pelos historiadores, pois prenunciam o estabelecimento de um novo *regime de historicidade*. O exemplo, para Hartog, a Revolução Francesa, “vivenciada por muitos como uma experiência de aceleração do tempo”, é resultado de “uma brutal distensão e até uma ruptura entre o campo da experiência e o horizonte de expectativa” (HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 103). Portanto nós, enquanto historiadores, temos atualmente um “novo itinerário” ao trabalhar com os *regimes de historicidade*, que basicamente passa por indagar como se desenvolvem as experiências do tempo em momentos em que há uma distensão entre a experiência e a expectativa.

O conceito de *regime de historicidade*, desta forma, nos propiciaria identificar as diferentes formas com que determinados indivíduos, grupos, sociedades e épocas, se relacionam com seu passado, tomam consciência de si e formulam sua experiência do tempo, lidam com a realidade e, conseqüentemente a *narram*. Todavia, com o “regime de historicidade, tocamos em uma das condições de possibilidade da produção de histórias: de acordo entrelaçar das instâncias temporais do presente, do passado e do futuro, determinados tipos de histórias são possíveis e outras não” (HARTOG, 2015, p. 39).

O conceito de regime de historicidade, assim, “devia poder fornecer um instrumento para comparar tipos de história diferentes”, assim como colocar em evidência diferentes modos de relação com o tempo, “formas da experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem. Maneiras de ser no tempo” (HARTOG, 2015, p. 29).

O uso que proponho do regime de historicidade pode ser tanto amplo, como restrito: macro ou micro-histórico. Ele pode ser um artefato para esclarecer a biografia de um personagem histórico (tal como Napoleão, que se encontrou entre o regime moderno, trazido pela Revolução, e o regime antigo, simbolizado pela escolha do Império e pelo casamento com Maria-Luisa de Áustria), ou a de um homem comum; com ele pode-se atravessar uma grande obra (literária ou outra), tal como as *Mémoires d'outre-tombe* de Chateaubriand (onde ele se apresenta como o “nadador que mergulhou entre as duas margens do rio do tempo”); pode-se questionar a arquitetura de uma cidade, ontem e hoje, ou então comparar as grandes escansões da relação com o tempo de diferentes sociedades, próximas ou distantes. E, a cada vez, por meio da atenção muito particular dada aos momentos de crise do tempo e às suas expressões, visa-se a produzir mais inteligibilidade (HARTOG, 2015, p. 13).

François Hartog, por diversos momentos, enfatiza que “com o regime moderno de historicidade, o fervor da esperança voltou-se para o futuro” (HARTOG, 2015, p. 270). O presente passou a ser percebido como inferior ao futuro, portanto precisava acelerá-lo mais, chegando até mesmo a roupe-lo. Assim, com a ruptura e fim do “regime moderno de historicidade”, que segundo Hartog acontece por volta de 1989, nota-se também uma “cesura do tempo” (HARTOG, 2015, p. 188) e o início de um novo regime de historicidade, não mais esperançoso em relação ao futuro, mas antes desconfiado e *pessimista*. Esta concepção parte da continuidade do pensamento koselleckiano, e enfatiza uma hipertrofia do presente em detrimento do futuro.

Atento aos processos de *ruptura* entre estes diferentes regimes históricos, o historiador francês observou que assim como na terça parte do século XVIII inicia o regime moderno, a partir de 1970 um regime novo se impôs. Diferentemente do regime moderno, que era voltado para o futuro, na qual a “exigência de previsões substitui as lições da história, já que o passado não explica mais o futuro” (HARTOG, 2015, p. 137), o regime que se apresenta, denominado de *presentismo*, é “desencantado com o futuro, ignorante do passado e se concentra no presente” (GATTINARA, 2018, p. 69).

Ora, não foi uma configuração suficientemente diferente que se impôs desde então? Aquela, pelo contrário, de uma distância que se tornou máxima entre o campo da experiência e o horizonte da expectativa, até o limite da ruptura. De modo que a produção do tempo histórico parece estar suspensa. Daí talvez essa experiência contemporânea de um presente perpétuo, inacessível e quase imóvel que busca, apesar de tudo, produzir para si mesmo o seu próprio tempo histórico (HARTOG, 2015, p. 39).

Em outras palavras, a tensão e o distanciamento entre *experiência* e *expectativa* aumentaram drasticamente, ocasionando uma *ruptura*, na qual restaria apenas um “presente, aparentemente tão seguro de si e dominador”, não havendo mais nem passado, nem futuro, e, por conseguinte, nem *tempo histórico*.

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa (HARTOG, 2015, p. 147-148).

Nesta perspectiva, Hartog sinaliza que nosso presente é marcado pela experiência da *crise do futuro*, com “suas dúvidas sobre o progresso e um porvir percebido como ameaça”, na qual “o futuro não desaparece, de forma alguma, mas parece obscuro e ameaçador”. Para o autor, “esses são os principais traços desse presente multiforme e multívoco: um presente monstro”.

Embora Hartog pareça demarcar temporalmente a cisão entre passado e futuro por volta da quinta parte do século XX, o que deu início a este novo regime de historicidade intitulado *presentis-*

ta, ele não nos impede de pensar na possibilidade de diferentes indivíduos, grupos ou sociedades, se relacionarem de formas diferentes com o tempo.

De todo modo, algumas possibilidades de pesquisa se abrem neste horizonte historiográfico. Desta forma, poderiam outros indivíduos ou grupos sociais ter vivenciando antecipadamente os efeitos de uma “crise do futuro”? Hannah Arendt, nesta perspectiva, parece ter tido a percepção que os judeus, principalmente o escritor tcheco Franz Kafka, sentiram e vivenciaram de outra forma o início do breve e catastrófico século XX.

Hannah Arendt, Franz Kafka e a brecha

Mesmo antes das formulações de Reinhart Koselleck sobre o tempo histórico e a tensão entre experiência e expectativa, Hannah Arendt já havia discorrido sobre o fenômeno de ruptura entre contemporaneidade e tradição. Em *A quebra entre o passado e o futuro* (1954), Arendt reflete sobre a sensação coletiva de uma cisão entre o presente e o passado. De fato, Arendt desenvolve sua concepção acerca da ruptura com a tradição ocidental a partir do surgimento dos Estados totalitários do início do século XX. Segundo Hannah Arendt:

O problema, contudo, é que, ao que parece, não parecemos estar equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de instalar-se na lacuna entre o passado e o futuro. Por longos períodos em nossa história, na verdade no transcurso dos milênios que se seguiram à fundação de Roma e que foram determinados por conceitos romanos, esta lacuna foi transporta por aquilo que, desde os romanos, chamamos de tradição. Não é segredo para ninguém o fato de essa tradição ter-se esgarçado cada vez mais à medida que a época moderna progrediu. Quando afinal, rompeu-se o fio da tradição, a lacuna entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição peculiar unicamente à atividade do pensamento e adstrita, enquanto campo de experiência, aos poucos eleitos que fizeram do pensar sua ocupação primordial. Ela tornou-se realidade tangível e perplexidade para todos, isto é, um fato de importância política (ARENDR, 2009, p. 36).

José D’Assunção Barros, a seu modo, destaca que Arendt antecipou “intuitivamente” algumas das proposições de Koselleck sobre as temporalidades. Com a contemporaneidade “ter-se-ia iniciado um novo viver coletivo” (BARROS, 2014, p. 182). Arendt, nesta direção, enfatizou que a grande característica de nossa contemporaneidade é esta “perda de fundamento do mundo”:

[o mundo], com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo protéico, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa (ARENDR, 2009, p. 132).

Como observa Hartog, Hannah Arendt formulou seu conceito de brecha (gap) como “estranho entremeio no tempo histórico, onde se toma consciência de um intervalo no tempo inteiramente

determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda” (ARENDR, 2009, p. 22). A relação entre passado e futuro havia se partido, e o tempo histórico estava suspenso (HARTOG, 2015, p. 22).

Esse passado, além do mais, estirando-se por todo seu trajeto de volta à origem, ao invés de puxar para trás, empurra para a frente, e, ao contrário do que seria de esperar, é o futuro que nos impele de volta ao passado. Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido, ao meio, no ponto onde “ele” está; e a posição “dele” não é o presente, na sua acepção usual, mas, antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro (ARENDR, 2009, p. 37).

Contudo, o que nos interessa é a observação de Hannah Arendt acerca de uma pequena narrativa de Franz Kafka (1883-1924) no qual um indivíduo se encontra em luta com dois adversários, um representando o passado e o outro o futuro.

Kafka descreve como a inserção do homem quebra o fluxo unidirecional do tempo, mas o que é bem estranho, não altera a imagem tradicional conforme a qual pensamos o tempo movendo-se em linha reta. Visto Kafka conservar a metáfora tradicional de um movimento temporal e retilinear, “ele” [o homem que se situa na lacuna de tempo enfrentando o Passado e o Futuro] mal tem espaço bastante para se manter, e sempre que “ele” pensa em fugir por conta própria, cai no sonho de uma região além e acima da linha de combate (ARENDR, 2009, p. 37).

Diante destas observações de Arendt, bem como das formulações de François Hartog acerca da crise do tempo e do regime presentista, abre-se um possível caminho para a pesquisa história que parte, sobretudo, das seguintes questões: é possível afirmar que Kafka poetizou o processo de crise de tempo observada por Reinhart Koselleck? Franz Kafka pode ser considerado um pensador que se encontra em uma *crise do tempo*, e que, sobretudo, discorre sobre este processo de cesura entre passado (experiência) e futuro (expectativa)? Sobretudo, os escritos kafkianos podem ser considerados como uma *Literatura presentista* ou é fruto de outra *crise*?

Os questionamentos que propomos levantar, neste sentido, diz respeito a relação do escritor tcheco com o tempo, mais precisamente o *futuro* – ou a ausência dele nos romances kafkianos. Interpretados como *utopias negativas* – como propõe Michael Löwy em *Kafka: sonhador insubmisso* (2005) –, seus romances inacabados mostram-se, contraditoriamente, ausentes de uma descrição de futuro. Qual o motivo desta ausência nos romances kafkianos? Seria resultado de sua condição judaica, e, conseqüentemente, de sua iconoclastia? Ou evidenciaria, antes disso, uma “crise do tempo” – logo, uma crise na *história* –, experienciada pelo escritor, na qual seus romances inacabados evidenciam um processo de *ruptura* com o futuro? Estas e outras questões se mostram relevantes para a compreensão da nossa relação com o tempo, isto é, com a História.

Kafka: que crise é esta?

O epíteto *kafkiano*, tornou-se um adjetivo evocado “em mais de uma centena de línguas” para descrever “constantes de desumanidade e de absurdos do nosso tempo” (LÖWY, 2005, p. 201), o que faz de Franz Kafka um dos poucos escritores cujo próprio nome se tornou um “adjetivo novo”. A popularidade do termo demonstraria, dentre outras coisas, a sensibilidade do escritor tcheco para com as contradições e tensões de seu tempo, como as que envolvem a noção de *progresso*, que, ancorado antes de tudo no conceito de *razão*, pressupunha um caminhar contínuo da humanidade em direção a sua *redenção*, deixando para trás o *obscurantismo* dos tempos dominados pelos dogmas religiosos.

Franz Kafka nasce em 1883, no até então Império Austro-Húngaro. Falece em 1924 após crises constantes de tuberculose. Encontra-se em uma conjuntura conturbada, principalmente se tratando de um judeu que reside em Praga e escreve em Alemão. Eric Hobsbawm salienta que no contexto da primeira metade do século XX houve uma maior contribuição e influência judaica para as literaturas e artes visuais nacionais, pois “a inovação modernista tornou esses campos mais atraentes para um grupo inseguro de sua situação no mundo”, mas também “porque a crise da sociedade do século XIX aproximou as percepções gentias da situação incerta dos judeus” (HOBBSAWM, 1995, p. 95).

A situação de Kafka enquanto judeu em Praga era perturbadora, pois por se tratar de um judeu em Praga que escreve em alemão, era malvisto tanto pela minoria alemã, quanto pela maioria dos praguenses, estes últimos, “quer por ser alemão, quer por ser judeu” (D’ONOFRIO, 2000, p. 443). Günther Anders, um dentre tantos biógrafos de Kafka que ressalta sua judaicidade, demonstra claramente esse ambiente de contradições no qual Kafka se via deslocado:

“[...] não pertencia ao mundo cristão; como judeu indiferente [...] não se integrava inteiramente aos judeus; por falar alemão, não afinava a fundo com os tchecos; como judeu de língua alemã, não se incorporava por completo aos alemães da Boêmia; como boêmio, não pertencia integralmente à Áustria. Como funcionário de uma companhia de seguros de trabalhadores, não se enquadrava por completo na burguesia. Como filho de burguês, não se adaptava de vez ao operariado; não pertencia ao escritório, pois sentia-se escritor. Escritor, porém, também não era, pois sacrificava suas forças pela família” (ANDERS, 2007, p. 26).

Ainda no século XIX, com o início da crise no sistema capitalista e o inevitável fim da *belle époque*, floresce, principalmente na Europa Central, um sentimento antissemita que, posteriormente, seria próprio do estado totalitário da Alemanha nazista. Os judeus foram “não somente identificados com o capitalismo”, mas também “com socialistas ateus e, de modo mais geral, com intelectuais que “solapavam antigas e ameaçadoras verdades da moralidade e da família patriarcal” (HOBBSAWM, 1995, p. 132).

A partir da década de 1880, o anti-semitismo tornou-se um dos mais importantes componentes dos movimentos políticos organizados de “homens pequenos”, desde

as fronteiras ocidentais da Alemanha até o Leste, atingindo o Império Habsburgo, à Rússia e à Romênia. Seu significado também não deve ser subestimado em outras partes (HOBSBAWM, 1995, p. 132).

O caso Dreyfus³ é um exemplo deste movimento de perseguição aos judeus. Capitão do estado-maior francês foi condenado de forma errônea por suposta espionagem a favor da Alemanha em 1894. A repercussão foi enorme, assim como a campanha destinada a provar sua inocência, o que “polarizou e convulsionou toda França” (HOBSBAWM, 1995, p. 132). Löwy concorda ser plausível considerar que os processos antisemitas serviram como fonte para o livro *O processo* (LÖWY, 2005, p. 116-117) de Kafka. Contudo, segundo o autor:

[...] ele vivenciou esse processo não simplesmente como judeu, mas também como espírito universal, descobrindo na experiência judaica a quintessência da experiência humana na época moderna. Em *O processo*, o herói Joseph K. não tem nacionalidade e religião determinada: a própria escolha de uma simples inicial no lugar do nome do personagem reforça sua identidade universal: ele é o representante por excelência das vítimas da máquina legal do Estado (LÖWY, 2005, p. 116-117).

Em Kafka, principalmente em seus romances inacabados, podemos notar certo mal-estar em relação ao futuro. Seu desconforto resulta de um contexto conturbado que se apresentava na primeira metade do século XX. Seus protagonistas – herói-vítima – são descritos em um contexto ausente de empatia, e são obrigados, muitas vezes, a se resignar e se conformar diante das arbitrariedades que se depara. Em *O processo*, por exemplo, o protagonista Joseph K. é submetido a diversas situações que denotam as arbitrariedades de uma justiça onipresente, corrupta e arbitrária. Morre sem saber ao certo os motivos reais de sua detenção ou de seu processo.

Em *O desconhecido*, Karl Rossman, um jovem de dezessete anos, é obrigado a se mudar para a América após uma decisão de seus pais de puni-lo por ter engravidado uma funcionária doméstica. O romance trata-se da saga enfrentada por Rossman na América, mas demonstra diferente do que se propagandeava na época, uma sociedade em decadência, com relações de trabalho, muitas vezes, análogos à escravidão. Já em *O castelo*, Franz Kafka demonstra outro aspecto do mundo moderno, a burocratização da vida.

Independente qual dos romances, o certo é que o futuro vislumbrado por Kafka enquanto judeu na primeira metade do século XX não era reconfortante, pelo contrário. Franz Kafka notou, assim como outros, as potencialidades opressoras dos Estados Nacionais do início do século XX. Seus escritos foram por diversas vezes encarados como prenúncios, profecias, isto é, ou como um provável “aviso de incêndio”. Neste sentido, Kafka parece poetizar sobre o problemático caminho encarado pelo sujeito moderno. Para o escritor tcheco, o futuro não traria emancipação para o homem, pelo contrário, ele descreve um ambiente de extrema alienação e falta de empatia.

3 Acusado de espionagem a favor da Alemanha, o militar foi julgado sumariamente por alta traição, submetido à degradação militar, em 1895, e condenado à prisão perpétua na famigerada prisão na *Ilha do Diabo* (na Guiana Francesa). Apesar das contundentes provas de sua inocência, é condenado por um tribunal militar, pela segunda vez, em 1899, sendo em seguida indultado. Sua inocência só foi verdadeiramente reconhecida em 1905 e, no ano seguinte, foi reabilitado pelo governo francês.

Considerações Finais

A partir da possível aproximação entre as contribuições de Koselleck e Arendt, mas, sobretudo do conceito de *crise do tempo* formulado por Hartog, é possível ampliar o olhar do historiador sobre a Literatura, vista majoritariamente como uma simples fonte para os historiadores (um vestígio do passado), mas antes estar aberto para as possibilidades de formulações teóricas importantes para a história vinda de outros campos.

Como argumenta Hartog, nos períodos de *crise do tempo* podemos vislumbrar diferentes modos com que diferentes indivíduos, sociedades e grupos sociais lidam com as dimensões temporais do passado, presente e futuro. Os escritos kafkianos, neste sentido, servem como exemplos de manifestações artísticas que captaram as nuances de seu tempo. Por certo, é impossível afirmar que Kafka em sua literatura, teria a intenção de descrever este momento de crise do tempo – entendida também como crise da história. Porém, podemos através de seus contos e romances entender como tal crise foi percebida por diferentes sujeitos histórica em diferentes contextos.

Em suma, este artigo tem como proposta discutir as diferentes formas de se relacionar com o tempo e, conseqüentemente, com a História. Nesta medida, é importante ressaltar que estes momentos de *crise do tempo* podem lançar luz sobre as diferentes maneiras com que se percebeu o caminhar da sociedade moderna. Além disso, os escritos kafkianos se mostram importantes em especial para os historiadores, na medida em que evidenciam processos de rupturas e descontinuações no processo histórico e, em especial, como tais processos são sentidos e experienciados por diferentes sujeitos históricos.

REFERÊNCIAS

ANDERS, Günther. **Kafka: pró e contra: os autos do processo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

D'ONOFRIO, Salvatore. A narrativa do absurdo humano: O processo, de Kafka. In: _____, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

GATTINARA, Enrico Castelli. **A multiplicidade temporal**. In: Heterocronias: Estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Marlon Salomon (org.). – Goiânia: Ricochete, 2018.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAFKA, Franz. **O castelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____, Franz. **O desaparecido ou Amerika**. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____, Franz. **O processo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

_____, Reinhart. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LÖWY, Michael. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de História"**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____, Michael. **Franz Kafka: sonhador insubmisso**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

RECEBIDO: 19/08/2019

APROVADO: 30/10/2019